

Conferência de Monterrey: prioridades e compromissos

A Conferência Internacional sobre Financiamento ao Desenvolvimento que a ONU está realizando em Monterrey busca encontrar mecanismos para a promoção do desenvolvimento social no mundo, reduzindo a pobreza e a desigualdade do nosso tão ameaçado planeta.

Vivemos num mundo absurdamente desigual, um verdadeiro barril, não mais de pólvora, mas nuclear, químico, ecológico e biológico. A diferença entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres do planeta que era de 11 vezes em 1913, passou para 30 vezes em 1960, para 60 vezes em 1990 e para 74 vezes em 1997. Vinte por cento da população mundial detém 86% da renda e, em 1998, 86% do acréscimo de renda também foi apropriado pelos mesmos 20% da população. Estes mesmos 20% concentram 74% das linhas telefônicas e 93% da utilização da internet. Os 20% mais pobres possuem 1% da renda mundial, 1,5% das linhas telefônicas e 1% da utilização da internet.

As três pessoas mais ricas do mundo detêm o mesmo valor nos seus ativos do que o PIB do conjunto de todos os países menos desenvolvidos do mundo e seus 600 milhões de habitantes. Diariamente, 30 mil crianças abaixo de cinco anos morrem por desnutrição e doenças absolutamente evitáveis (são dez World Trade Center!). Atualmente 1,2 bilhão de pessoas vivem com menos de US\$ 1 por dia.

A terra existe há aproximadamente 3,5 bilhões de anos. O homem, como o conhecemos hoje, está aqui há cerca de 50 mil anos, e quanto estrago já conseguiu fazer em nosso planeta! Tanto é assustador que, a permanecer o mesmo ritmo de degradação ambiental, a espécie humana, em conseqüência do aquecimento global, corre risco de extinção até a primeira metade deste século. Hoje, menos de 20% da Terra continua florestada, e 10 mil espécies de plantas e animais se extinguem a cada ano.

Estive em Genebra em 2000, quando foi realizada uma grande conferência promovida pela ONU para avaliar os resultados alcançados durante os cinco anos que se seguiram à conferência social de Copenhague, na qual mais de cem chefes de estado assinaram compromissos bem precisos, qualitativos e quantitativos, de apoio à redução da pobreza. Esperava que houvesse a distribuição de relatórios comparando os

compromissos e os resultados alcançados, país por país. Nada disso aconteceu. Pelos levantamentos efetuados por organizações não-governamentais constatou-se que, apenas pouquíssimos países (exatamente cinco) cumpriram suas promessas, enquanto a maioria dos outros pioraram seu desempenho. Por exemplo: foi estabelecido que os países mais ricos destinariam 0,70% do PIB à ajuda aos países pobres. A grande maioria destes países, que já estavam abaixo do patamar estabelecido, diminuíram suas verbas de assistência internacional. Nenhuma censura foi declarada aos países faltosos. Nenhuma condenação àqueles que solenemente e publicamente fizeram promessas, tiraram fotografias, fizeram discursos eloqüentes e não honraram suas palavras. Milhares de pessoas foram deslocadas, muitos recursos foram investidos, sem que nenhuma avaliação séria fosse feita. Achei que foi uma grande e triste encenação.

No início deste ano fui procurado pela ONU para participar de uma reunião preparatória à conferência de Monterrey, que é também uma reunião de avaliação dos sete anos após a conferência de Copenhague. A situação geral é ainda pior que aquela de 2000. Na minha fala, alertei que sem uma séria e corajosa avaliação, as conferências da ONU e a própria instituição (tão valiosa para a humanidade) estarão com a credibilidade seriamente ameaçadas. Estas considerações são válidas para todas as outras conferências: meio ambiente, racismo, direitos das crianças, das mulheres, etc. Fiz a seguinte pergunta ao grupo: existem recursos suficientes para acabar com a pobreza no mundo? A resposta foi: "Existem e sobram". Outra pergunta: sabemos o que fazer com estes recursos para dar uma vida minimamente digna para todos os habitantes do planeta? A resposta foi: "Estamos 'carecas' de saber o que é necessário fazer". Chegou-se rapidamente à óbvia conclusão: o que falta é vontade política para mudar as prioridades e cumprir os compromissos. Querem exemplos? Em Monterrey, os Estados Unidos anunciaram que aumentariam em US\$ 5 bilhões sua assistência ao desenvolvimento, passando de 0,10% para 0,12% do PIB, bem longe da meta de 0,70%. Este aumento corresponde a apenas 1,25% dos seus gastos militares.

A ONU estima que apenas 0,6% do PIB mundial anual seria necessário para que toda a população pobre do planeta tivesse acesso a educação, saúde, alimentação e planejamento familiar. O Banco Mundial prevê que 1% ao ano da riqueza das 200 pessoas mais ricas do mundo seria o suficiente para dar educação básica a toda a população de crianças carentes do mundo. O World Watch Institute de Washington

www.nossasaopaulo.org.br e www.cidadessustentaveis.org.br

**R
E
D
E** NOSSA
SAOPAU
LO



PROGRAMA
CIDADES
SUSTENTÁVEIS

acredita que o custo total de um programa de seis anos para proteção do solo, reflorestamento, redução do crescimento populacional, reforma da dívida dos países em desenvolvimento, aumento da eficiência energética e desenvolvimento de fontes renováveis de energia totalizaria cerca de US\$ 750 bilhões. É a quantia que o mundo gasta em armamentos em apenas um ano!

Estou absolutamente convencido de que enquanto não houver vontade política para reverter as nossas prioridades e cumprir os compromissos assumidos, continuaremos a assistir à degradação social e ambiental em nosso planeta e à deteriorização da credibilidade das instituições públicas. Esta vontade política poderá vir por uma ampla mobilização e pressão da sociedade, ou após graves crises sociais e/ou ambientais. Aí talvez seja tarde demais.

Oded Grajew

